

ALGUNS CAMINHOS: A EXPERIÊNCIA DOCENTE COMO VIA DE MÃO DUPLA

TIAGO HENRIQUE NETO SILVA¹;
IGOR FURTADO DE FURTADO²;
PEDRO MAINO AVILA³;
ANDRÉIA CRISTINA DE SOUZA LANG VILELA⁴;
FELIPE DA SILVA MARTINS⁵.

¹Universidade Federal de Pelotas – satiarth.tiago@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – ifurtado147@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – pedromaino04@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – andreiaslang@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – felipedasmartins@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este ensaio toma como principal objetivo de sensibilizar os educadores e futuros educadores diante das relações que se constroem na sala de aula. Nos convidando a uma aproximação cada vez maior entre os sujeitos envolvidos, na direção da construção de metodologias que permeiem ativamente suas experiências.

Destacamos a educação como uma relação, onde reelaborar os papéis entre ‘professor X aluno’ é também uma forma de construir conhecimentos, mais do que nos prendermos a execução restrita de planos e rotas. O que coloca como imperativo a necessidade do educador estar em constante processo de aprendizagem junto com os alunos. Neste sentido, tomamos então a percepção por meio de um relato dos pibidianos que atuam no PIBID-Música/UFPEl que atuam na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Brum de Azeredo¹ como forma e meio para esta reflexão.

Educar é um ato de responsabilidade e amor (Freire, 1996), é necessário estudo e preparação para o ato da docência, e no decorrer dos períodos da humanidade, o pensamento que permeia a educação mudou gradativamente (Gadotti, 1993), principalmente quando voltado para o âmbito infantil, e não só o pensamento da educação, mas também a forma como se enxergam as infâncias vem propondo alterações significativas (Sarmiento, 2004). Entretanto, mesmo com muitos estudos e discussões, por vezes estamos lidando com a educação, ainda de forma que pode reduzir e inviabilizar o processo educativo engajado (Hooks, 2017).

Por vezes podemos compreender a opção de alguns profissionais em educação que se limitam a reaplicar propostas prontas, tomando o processo educativo como uma mera transmissão de conteúdos (Escaraboto, 2007). Ou ainda, quando por diversos motivos, acabamos por negligenciar algumas dificuldades dos alunos, podendo gerar uma “inferência ou rotulando o aluno para encaixá-lo em algum diagnóstico (Escaraboto, 2007, p. 135).

Tomamos como eixo central a percepção de que,

“[...]não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro[.]” “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (Freire, 1996, p. 13).

¹ Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Brum de Azeredo, localizada no bairro Fragata, na periferia da cidade de Pelotas-RS.

Neste movimento cíclico entendemos que a construção de conhecimento não pode ser uma relação em via de mão única, pois “ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar” (Freire, 1996, p. 13). O papel docente neste contexto exige uma entrega significativa e desafiadora, que se coloque não somente em passar conteúdos mas também ensinar a pensar certo (Freire, 1996). Aqui o pensar certo está relacionado ao pensar das nossas incertezas de forma crítica e reflexiva, sem nenhum puritanismo conservador, ao olhar por esta ótica propomos uma diferença entre um professor e um educador.

O educador se coloca então a adaptar o conhecimento, entendendo as nuances sobre o contexto histórico e social para a vida do educando, conseguindo promover uma construção de conhecimento e mudança de perspectiva mútua na vida de ambos, do contrário, o professor, neste sentido, é conduzido somente por bases teóricas onde não há possibilidade de diálogo, reflexão, e nem há relação com a realidade histórica e social na vida do educando, não só limitando a si mesmo, mas também não permitindo a transformação educacional para aquele indivíduo.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Em uma das aulas de música do último semestre para a turma do 4º ano do ensino fundamental a educadora musical tinha como conteúdo central a organologia, mais especificamente os cordofones, com a presença de instrumentos como violão, ukulele e cavaquinho. Naquele momento, as crianças estavam dispersas e ansiosas para explorar os instrumentos, enquanto a professora apresentava o conteúdo no quadro.

Ao perceber a situação, perguntamos à professora se poderíamos desenhar os instrumentos junto ao conteúdo escrito. A professora concordou prontamente, e então desenhei os instrumentos no quadro.

No projeto do PIBID-Música/UFPEL nossa presença na aula da educadora musical se coloca como uma ‘observação prática’ onde o principal objetivo é observarmos as práticas da docente como forma de aproximação da realidade escolar. De fato, somos, enquanto pibidianos, também alunos, mas percebemos nesta oportunidade a forma ativa como a educadora musical abriu espaço em sua prática para nossas sugestões.

A dualidade entre a Educação Tradicional e a Educação Progressiva, apresenta dois caracteres distintos na forma de ensinar e se portar como educador. Na perspectiva tradicional a,

“[...]atitude dos alunos deve ser, no geral, de docilidade, de receptividade e obediência” [e os professores] são os agentes através dos quais o conhecimento e as habilidades são transmitidos e as regras de condutas são reforçadas” (Dewey, 2010, p. 20).

Temos então, uma hierarquia. Nesse sentido, o professor chega na sala com seu conhecimento, passa-o para os alunos, que absorvem, com isso, acomodam esse conhecimento recebido do professor no seu *disco rígido*, feito isso todos voltam para suas casas com suas devidas funções exercidas. Quando a educadora musical regente da turma, acata nosso pedido para desenhar e interferir em sua proposição, percebemos uma quebra neste *continuum* onde quem tem o conhecimento é só o professor.

Ao ver outra pessoa desenhando no quadro, ao ver que a aula tinha mais que uma pessoa ensinando, ao perceber que a educação não é uma via de uma mão

única os alunos da turma explanaram surpresa e rapidamente passaram a prestar mais atenção. Reconhecemos que a construção do conhecimento passa pelo desenvolvimento cultural, tanto no nível social quanto individual (Vigotski, 2007), percebemos os alunos da turma se reconhecendo em nós ao dizerem: 'Tio, como tu consegue desenhar esses instrumentos?' ou 'Bah, que legal tio!'.

O desenho no quadro funcionou como algo que passa do espaço coletivo da sala para a criação individual dos alunos. Essa estratégia simples, estabeleceu um ponto de conexão entre minha prática pessoal e o interesse dos alunos.

Esse processo serviu como preparação para a fase de exploração dos instrumentos que aconteceu em seguida desse primeiro momento mais teórico. Fruto dessa prática, surgiram também desenhos dos alunos, ganhei de presente um desenho em que fui representado tocando violão.



Figura 1: Desenho feito por uma criança. Acervo PIBID-Música/UFPEL.

Outro ponto extremamente característico de uma perspectiva educacional tradicional seria a compreensão do silêncio “como uma de suas virtudes mais importantes” (Dewey, 2010, p. 65), a postura dos alunos, como citado anteriormente, deveria ser de atenção absoluta, portanto, permanecendo calados. Entretanto como construir conhecimento se ainda interpretamos os alunos como seres vazios, por vezes tornando-o um ser sem voz? Ouvir o outro aqui é mais do que algo biológico, é se colocar em atenção ao outro, é perceber o Outro, como sujeito ativo e deveria ser uma das principais ferramentas de todos os educadores, principalmente dos educadores musicais. “Os sons do ambiente têm significados referenciais. Eles não são meramente eventos acústicos abstratos, mas precisam ser investigados como signos, sinais e símbolos acústicos (Schafer, 1997). Essa perspectiva amplia a compreensão do ato de escutar e interpretar os sons de maneira simbólica. O desenho associado à música ampliou o espaço de participação e protagonismo das crianças dentro do processo de aprendizagem.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que a sala de aula pode ser pensada como um espaço de criação mútua, onde o educador e o aluno estejam engajados na mesma direção, a construção do conhecimento. Isto remonta a necessidade de compreender a educação como locus de investigação e curiosidade na busca de fomentar a insubmissão à educação bancária e a real capacidade crítica do Outro (Freire, 1996). Os estudantes vão se transformando em reais sujeitos da construção do saber ensinado, tendo a consciência desta experiência como aprendizado.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEWEY, John. **Experiência E Educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

ESCARABOTO, Kellen M. Sobre a importância de conhecer e ensinar. **Psicologia USP**, v. 18, n. 4, p. 133–146, dez. 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Histórias Das Ideias Pedagógicas**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2ª edição ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. *In: Crianças e miúdos. Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo futuro do ambiente sonoro**. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

VIGOTSKI, L. S. **A Formação Social Da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.